

METODOLOGIAS DE PESQUISA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA PESQUISA AGORA É QUE SÃO ELAS

HELEN CARVALHO GOMES SOARES¹; RAFAELA SOARES VILLAR²; KARINA RANGEL GAUTÉRIO³; MYLENA GRAEBNER PEREIRA⁴; CAMILA PEIXOTO FARIAS⁵; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – heelensoares@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafaelasvillar@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – karinagauterio@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - graebnermylena@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas - giovana.luczinsk@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir da Pesquisa Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres, pesquisa realizada no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A pesquisa conta com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise, juntamente com o Laboratório de Fenomenologia e Psicologia Existencial *Epoché*, em parceria com o Marginália, Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo (UFRJ). A pesquisa foi construída a partir de um questionário online, amplamente divulgado entre o período de 24 de maio de 2020 e 07 de junho de 2020. As perguntas que compunham tal questionário tinham como objetivo conhecer as múltiplas realidades das mulheres no cenário da pandemia de COVID-19 para, assim, poder pensar nas possíveis repercussões psíquicas desse contexto em suas realidades.

Para isso, a pesquisa em questão visa construir um percurso metodológico situado e em diálogo com as subjetividades das pesquisadoras, buscando o rompimento com os modelos hegemônicos e tradicionais de se fazer ciência. As metodologias hegemônicas consistem em pesquisas que reproduzem o discurso da neutralidade e imparcialidade no fazer científico. Esse discurso prioriza o distanciamento entre pesquisador e “objeto” pesquisado a fim de garantir resultados que possam ser replicáveis e universais. Porém, na contramão desses modelos, há vertentes epistemológicas que problematizam o lugar de enunciação da pesquisadora e buscam uma relação horizontal entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. Segundo SANTOS (2007) é preciso que se supere o que ele denomina como *pensamento abissal* que está enraizado no campo científico, ou seja, a ideia de uma produção de conhecimento única e homogênea.

Discussões acerca dos diferentes modelos metodológicos permearam os encontros científicos e fizeram emergir diversas inquietações, dentre elas a que embasa a escrita deste trabalho: É possível pesquisar sem levar em consideração a subjetividade de quem realiza a pesquisa? Desta desdobram-se outras: nos questionamos com frequência qual o lugar das pesquisas situadas (HARAWAY, 2009) na ciência e, sobretudo, como fazê-las. Para isso, trilhamos caminhos que perpassam desde discussões sobre feminismos, quanto histórias e sentimentos que nos formam enquanto pesquisadoras, que nos convocam a escrever, mas que também dificultam os processos de escrita.

Percebemos, ao longo da trajetória percorrida até aqui, os constantes processos de invisibilização, silenciamento e desconsideração dos métodos científicos que não seguem os padrões das ciências hegemônicas. Diante disso, pretendemos complexificar a discussão relativa às diversas formas de produzir

ciência, visibilizando outros horizontes possíveis no campo metodológico, através da apresentação do método utilizado na pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de covid-19 contada por mulheres”.

2. METODOLOGIA

No semestre remoto de 2021/1 foram realizados encontros quinzenais entre as equipes da UFPEL, compostas por estudantes vinculadas aos referidos laboratórios de pesquisa. Nas reuniões, eram discutidas questões relativas às vivências de mulheres durante a pandemia, abordadas a partir de referenciais teóricos em diálogo com o material coletado na pesquisa, bem como possíveis reverberações subjetivas nas alunas e professoras envolvidas. Para delinear esse caminho, temos como embasamento os métodos de pesquisa psicanalítico e fenomenológico, que se propõem a desconstruir a idealização de distância entre a pesquisadora e o referencial teórico/objeto para ceder espaço a uma pesquisa situada no corpo e com o corpo, no qual a/o pesquisadora(o) se dispõe a dialogar com os dados e com o referencial teórico para que, assim, a produção oriunda de cada encontro tenha a possibilidade de transformar-se continuamente em novas concepções (FIGUEIREDO, MINERBO, 2006; MOREIRA, 2002).

Nessa perspectiva é fundamental estarmos atentas às relações, tanto transferências quanto contratransferências, no processo de leitura, bem como na análise de dados por parte daquelas que a fazem. Tendo isso em vista, os dados da pesquisa foram coletados e posteriormente analisados a partir das reverberações provocadas nas pesquisadoras, além de observar os marcadores e atravessadores sociais que compõem o contexto sócio-cultural em que elas estão inseridas (FIGUEIREDO, MINERBO, 2006).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os campos científicos operam de modo a produzir uma ciência hegemônica, a qual serve aos moldes do sujeito universal, ou seja, branco, masculino, cis e heterossexual. Esses moldes são apresentados como imparciais, neutros e dotados de uma verdade única, a qual na hierarquia dos saberes ocupa predominantemente o local de maior valorização (SANTOS, 2007). Tal lógica científica pode ser facilmente observada quando olhamos para a destinação de verbas para bolsas de pesquisa, por exemplo, por agências de fomento e universidades. Realizar uma ciência situada e corporificada, que assume andar de mãos dadas com a subjetividade, exige rigor metodológico e um intenso envolvimento com o que se estuda. Não entendemos esse método científico como mais ou menos válido que os demais, apenas pretendemos apontá-lo como um dos métodos possíveis e, sobretudo, científico, visto que há frequentemente uma deslegitimação do seu lugar na ciência. Apontamos, então, como um dos métodos possíveis de produzir ciência, pois ao contrário ao que postula a ciência hegemônica e conseqüentemente, em sua grande maioria, o meio acadêmico, que entendimentos subjetivos são conhecimentos não válidos (SANTOS, 2007) –, uma metodologia que conversa com a subjetividade produz saber científico.

Para articular a discussão da pesquisa, não consideramos possível pensar gênero enquanto algo único e universal. É preciso considerar a multiplicidade e complexidade existente quando falamos de mulheres, tendo em vista o impacto que marcadores sociais como raça, classe, sexualidade, maternidade, transgeneridade podem vir a desenvolver na vida das mulheres. Para pensar essa questão, AKOTIRENE (2019) ao tratar sobre interseccionalidade a entende como um sistema interligado de opressões e não uma hierarquização destas. Assim,

trazer a interseccionalidade para a discussão é fundamental numa produção científica ética e socialmente engajada.

Para isso, dialogamos com autoras como HARAWAY (2009), a qual delinea suas discussões a partir da ideia de que todo saber é parcial, ainda que se designe enquanto neutro, replicável e universal. Por isso, para a autora é imprescindível que realizemos uma pesquisa situada, ou seja, que assuma o lugar do qual partimos, considerando nossos referenciais de raça, gênero, classe e sexualidade (HARAWAY, 2009). É preciso ressaltar que assumir o local do qual falamos e reconhecer nossas limitações e potencialidades subjetivas, não significa abandonar a teoria e produzir um conhecimento meramente subjetivo a partir somente de si mesmo, não estamos falando de opinião.. Para fazer ciência é necessário método e, nessa perspectiva, o rigor científico consiste em marcar com nitidez as lentes a partir das quais estamos olhamos para o objeto de pesquisa.

O método o qual adotamos passa por lugares subjetivos, da ordem do afeto e do reconhecimento. Os resultados gerados a partir das respostas encontradas no formulário online foram organizadas em tabelas, para que assim pudéssemos trabalhar e entrar em contato com as narrativas. Ao iniciar o processo de contato com as tabelas, em uma das reuniões nas quais discutimos sobre *o que* e *como* os dados coletados nos contavam sobre as histórias das mulheres na pandemia, percebemos que algumas de nós estavam indo para a leitura dos dados em busca de algo pré-existente, algo que partia exclusivamente da perspectiva pessoal. Tal movimento caminha na contramão do que a perspectiva metodológica adotada pressupõe: é preciso que se conheça o “objeto” de pesquisa e que assim, a partir desse encontro, surja a questão, a inquietação. É preciso que o próprio material, a partir do diálogo com quem pesquisa, nos conte os caminhos que a pesquisa seguirá.

Outra discussão que abordamos na construção da pesquisa é a crítica feminista em relação a produção de conhecimento científico. A autora HARDING (1993) aponta uma ciência tradicional distorcida pela visão masculina desde a elaboração das problemáticas de pesquisa até a interpretação de resultados. Tal constatação dialoga com o que citamos anteriormente, quando HARAWAY (2009) sugere que toda ciência é parcial, ou seja, a ciência universal parece estar distorcida pelo masculino pois leva em consideração apenas o seu ponto de vista e o intitula como único e universal. Assim, HARDING (1993) propõe a pesquisa feminista não como uma substituição de método científico, mas a transcendência para um novo modelo que traga a complexidade das implicações do gênero na produção científica.

4. CONCLUSÕES

Pensar em uma ciência não hegemônica, nos faz caminhar em direção a uma ciência comprometida em manter em pauta os discursos e as subjetividades daqueles que se comprometem ativamente com o exercício da pesquisa situada, isso, por sua vez, nos permite estreitar os laços entre pesquisadora e referencial/sujeitos da pesquisa e, com isso observar as transformações que se apresentam e transitam a partir de uma ciência considerada, por nós, afetiva (FIGUEIREDO, MINERBO, 2006).

Dar espaço às reverberações, por outro lado, parte da autopermissão da pesquisadora (o) para se deixar afetar por tudo que surge durante o ato de pesquisar, olhando atentamente tanto para a sua subjetividade, quanto a da das outras pessoas: a angústia, o medo, a aflição, a inquietação, a alegria, a admiração. No momento da análise surgem mistos de emoção que afloram

constantemente no encontro com esse discurso que, muitas vezes, também é um pouco do encontro com o nosso próprio discurso. Além disso, surge, a cada momento, uma sensação de impotência, de questionamento e de tensão - momentos esses em que nos transportam diretamente para dentro da narrativa com o propósito de nos instigar a construir um diálogo atento com cada palavra ou silêncio.

Com isso, nossa proposta é fazer com que a pesquisa situada traga para a cena os discursos das mulheres e as mantenham em foco, e não mais as deixem atrás das cortinas que a sociedade costura diariamente para invisibilizá-las. Por isso, buscamos, constantemente, a nossa própria permissão para sermos tocadas pelas narrativas ao passo em que as tocamos.

Partindo dessa perspectiva, torna-se necessário sair da lógica da ciência hegemônica que produz saberes considerados superiores, buscando uma metodologia de pesquisa horizontal. Portanto, através da implicação subjetiva da(o) pesquisadora(o), será possível criar e produzir informações mais compreensíveis à população. Como traz AmatuZZi (2006), é uma pesquisa que tende a modificar a consciência das pessoas envolvidas, incluindo aí os seus leitores, e tende a alterar o modo de ação dessas pessoas. Além disso, essa forma de pesquisar possibilita o levantamento de novos questionamentos decorrentes da relação intersubjetiva, ou seja, essa troca entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa. Alguns dos questionamentos que tem nos tocado nesse momento são, por exemplo, como essas mulheres estão após um ano e meio de pandemia e de que forma seria possível dar um retorno a elas. Seguimos na busca pela construção de uma ciência situada, plural e comprometida socialmente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, M.M. **A subjetividade e sua pesquisa**. Memorandum, 10, p. 93-97, 2006.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen; 2019.

FIGUEIREDO L. C., MINERBO M. **Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo**. *Jornal de Psicanálise* [internet]. 2006 [acesso em 2021 jul 10]; 39(70), 257-278. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt.

HARDING, Sandra. **A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista**. *Revista estudos feministas*. vol. 1. n° 1. 1993.

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 2009.

MOREIRA DA. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.

SILVA, C. M., & MACEDO, M. M. K. (2016). **O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3): 520-533.